



GRACIELE REGINA DA CRUZ

**A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA VIDA DOS SUJEITOS:
UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Cuiabá/MT
2023

GRACIELE REGINA DA CRUZ

**A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA VIDA DOS SUJEITOS:
UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Cuiabá – FASIPE, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Diego Anizio da Silva

Cuiabá/MT
2023

GRACIELE REGINA DA CRUZ

**A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA VIDA DOS SUJEITOS:
UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – da Faculdade - FASIPE Cuiabá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____.

DIEGO ANIZIO DA SILVA

Professor(a) Orientador(a)
Departamento de Psicologia – FASIPE

JÓSE GUEDES VIEIRA

Professor (a) avaliador (a)
Departamento de Psicologia – FASIPE

VIVIANE MARQUES CAPONI

Professor (a) avaliador (a)
Departamento de Psicologia – FASIPE

Coordenador (a) do Curso de Psicologia
Departamento de Psicologia – FASIPE

**Cuiabá/MT
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que me presenteia todos os dias com energia e vida, que me dá força e coragem para vencer os desafios e alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTO

- Primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui, depois de pensar que nunca iria conseguir.

- Agradeço ao meu orientador, Prof. Diego Anizio, por toda a paciência, carinho, dedicação e compreensão todas as vezes que precisei. Muito obrigado!

- A minha mãe Ana Luzia de Oliveira que sempre me ajudou, aos meus amigos de sala que não me deixaram desistir. Vencemos!!

- As minhas amigas-companheiras que caminhou comigo durante todo curso, Kenia Paula, Suely Matos e Josane, serei eternamente grata pela caminhada percorrida.

- E em especial sou muito grata aos meus filhos Izabella e Victor que são a força que me motiva a ser cada dia melhor.

_ A minha irmã Katia Carolina e minha cunhada Eliane pela força e incentivo. Gratidão!

CRUZ, Graciele Regina. **A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA VIDA DOS SUJEITOS: UMA VISÃO PSICANALÍTICA.** 2023. 46 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Educacional FASIPE – CUIABÁ.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a influência e o papel da espiritualidade na vida dos indivíduos, utilizando uma perspectiva psicanalítica através de uma revisão bibliográfica da literatura. A fundamentação teórica do estudo foi dividida em dois principais tópicos: a espiritualidade na psicanálise e a relação entre espiritualidade e cultura. O estudo explorou como a espiritualidade, enquanto busca individual ou coletiva por significado, propósito e conexão transcendente, interage com a cultura, entendida como o conjunto de valores, normas, instituições e artefatos que define a identidade coletiva de um grupo humano. A pesquisa salientou a dialética interdependente entre espiritualidade e cultura, revelando como ambas se moldam mutuamente e contribuem para a rica complexidade da experiência humana. As considerações finais ressaltaram a necessidade de uma abordagem terapêutica que seja holística e personalizada, capaz de navegar pela complexidade e diversidade da experiência humana. Em suma, este estudo convida à reflexão e inspira futuras explorações sobre a interação entre psicanálise, espiritualidade e cultura, em busca de uma compreensão mais profunda e abrangente da experiência humana.

Palavras chaves: Espiritualidade. Cultura. Psicanálise.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the influence and role of spirituality in the lives of individuals, using a psychoanalytic perspective through a bibliographical review of the literature. The theoretical foundation of the study was divided into two main topics: spirituality in psychoanalysis and the relationship between spirituality and culture. The study explored how spirituality, as an individual or collective search for meaning, purpose and transcendent connection, interacts with culture, understood as the set of values, norms, institutions and artifacts that define the collective identity of a human group. The research highlighted the interdependent dialectic between spirituality and culture, revealing how both shape each other and contribute to the rich complexity of the human experience. Final considerations highlighted the need for a therapeutic approach that is holistic and personalized, capable of navigating the complexity and diversity of the human experience. In short, this study invites reflection and inspires future explorations on the interaction between psychoanalysis, spirituality and culture, in search of a deeper and more comprehensive understanding of the human experience.

Keywords: Spirituality. Culture. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	11
1.2.Problematização.....	13
1.3 Objetivos.....	13
1.3.1 Objetivo Geral	13
1.3.1 Objetivos Específicos	13
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Espiritualidade.....	14
2.2 Espiritualidade na Psicanálise.....	17
2.3 A relação entre espiritualidade e cultura.....	22
2.4 Constituição do sujeito.....	26
3. METODOLOGIA.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
5. REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A busca por sentido é uma das questões mais fundamentais da existência humana e tem sido objeto de investigação em diversas áreas do conhecimento. Na psicanálise, a busca por sentido é entendida como uma das motivações mais profundas do ser humano, que busca compreender e dar significado às experiências vividas. (Frankl, 1991). A espiritualidade, por sua vez, é uma dimensão importante da vida humana, que tem sido associada à busca por respostas para questões existenciais.

Este trabalho científico se propõe a investigar a relação entre a busca por sentido e a espiritualidade na perspectiva psicanalítica. A partir de uma revisão bibliográfica, serão analisados os conceitos e as teorias que relacionam esses estudos empíricos que abordam a relação entre eles. Além disso, serão discutidas as implicações teóricas e práticas dos resultados encontrados.

A importância desse estudo reside na compreensão dos processos psicológicos, o que pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas mais efetivas. A partir dessa análise, é possível identificar possibilidades para a prática clínica que valorizem a dimensão espiritual do indivíduo e sua busca por sentido, ajudando a melhorar a qualidade de vida e a saúde mental.

A espiritualidade é uma temática que tem ganhado crescente atenção na sociedade contemporânea, nesta condição, a busca por uma conexão transcendental com algo maior tem sido cada vez mais comum nas práticas espiritual. Enquanto alguns indivíduos “consideram a espiritualidade como uma fonte de conforto e suporte em momentos difíceis, outros acreditam que ela pode trazer um propósito e significado para suas vidas”. (Boff, 2006).

Diante desse contexto, a questão que emerge é: como a espiritualidade influencia a vida dos sujeitos? Essa questão tem atraído o interesse de muitos estudiosos, inclusive da área da psicologia. Posto isto, a escolha desta temática visa explicar como a espiritualidade apresenta

na vida dos sujeitos, sendo possível investigar a relação entre a espiritualidade e a psicologia humana, analisando seus possíveis efeitos sobre o comportamento, as emoções e as relações sociais dos indivíduos.

Diante das pesquisas em estudo, pretende-se investigar como a espiritualidade afeta o comportamento, a cognição, as emoções e as relações sociais dos indivíduos. Além disso, busca-se entender como a espiritualidade pode ser uma fonte de apoio e sentido na vida das pessoas, assim como suas possíveis limitações e desafios. Em suma, o objetivo é fornecer uma compreensão mais profunda e holística da interação entre a espiritualidade e a psicologia humana.

Para atender aos objetivos deste estudo, a metodologia se apoiou na pesquisa qualitativa bibliográfica, que consistiu na análise de dados já publicados em artigos científicos, livros e outras fontes documentais, que abordaram a temática em questão, com ênfase nos dados mais atuais. Para a busca desses artigos, foi utilizada a plataforma Google Acadêmico, que permitiu o acesso a diversos bancos de dados de periódicos científicos. Como descritores para a busca, foram utilizados os termos: espiritualidade e psicanálise, espiritualidade e cultura e a constituição do sujeito. A escolha desses descritores deve-se à relevância deles para a temática em estudo e para a busca de artigos que trouxessem a interação entre a espiritualidade e a psicologia humana na perspectiva psicanalítica.

Estudar e compreender a espiritualidade bem como seus efeitos psicológicos se tornou ao longo de minha formação profissional um tema de muito interesse. A partir de então, busco também investigar outros elementos importantes da subjetivação das pessoas, acreditando que o produto dessa pesquisa pode tornar-se então elemento que venha a contribuir para o maior conhecimento desse público e o avanço das políticas públicas para a integração da espiritualidade ao bem-estar social.

Ao longo da história, observa-se a espiritualidade como um aspecto que sempre esteve presente nas relações, propiciando trocas fecundas e revitalizando questões antigas e atuais, que ao desenvolver-se assumiu diferentes formas nas mais variadas culturas.

No que diz respeito à espiritualidade o “foco é a crença, enquanto outras destacam a prática; há aquelas que focam em uma experiência subjetiva, enquanto outras consideram como importante, o desenvolvimento de atividades na comunidade; algumas se apresentam como universais, afirmando suas leis e cosmologia como válidas ou obrigatórias à todas as pessoas, outras ainda se colocam como prática a um grupo definido ou localizado”. Além disso, as relações religiosas estão associadas a várias instituições públicas, como escolas, hospitais, famílias, governos e hierarquias políticas. (Lotufo Neto e Koenig, 2006).

Por sua vez, a origem da psicanálise, está na medicina elaborada por Sigmund Freud (1856-1939), um médico neurologista austríaco, formado em 1881, que através do campo clínico e de investigação teórica estudou a psique humana. Freud propôs este método, a fim de compreender e analisar o homem, enquanto sujeito do inconsciente, a partir de três áreas: método de investigação do psiquismo e seu funcionamento; sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano; método de tratamento caracterizado pela aplicação da técnica da Associação Livre.

Atenta ao dinamismo cultural, a psicanálise oferece suas perspectivas a respeito da religiosidade. Paralelamente, a religião sendo observada na perspectiva do “ser” e não do “fazer”, ressurge como uma aliada a psicanálise, na intenção de levar o ser humano, enquanto sujeito do inconsciente, a “cura”. (HUSSERL, 1991, p.104).

Para entender melhor as relações entre espiritualidade e psicanálise e ter uma concepção mais fiel ao que se propõe este trabalho, é necessário apresentar, inicialmente e individualmente, alguns dos postulados de cada uma desses campos, observando os diferentes caminhos para os quais cada uma se aderem, ao mesmo tempo em que estão sendo objeto de uma análise comum diante das importantes contribuições na formação psíquica do ser humano.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a explorar e compreender os conceitos como a busca de sentido, o desenvolvimento da personalidade, a espiritualidade e a saúde mental. A expectativa é contribuir para uma compreensão mais ampla e profunda da interação entre a espiritualidade e a psicologia humana.

1.1. Justificativa

“A interação entre psicologia e a espiritualidade tem sido objeto de estudos há décadas, seja como fonte de apoio e consolo ou como instrumento para lidar com desafios e incertezas”. (Moreira-Almeida, Lotufo Neto, & Koenig, 2006). Nesse sentido, compreender a relação entre espiritualidade e psicanálise pode ser uma contribuição significativa para a saúde mental e bem-estar dos indivíduos.

Considerando essa relevância social, este trabalho justifica-se pelo objetivo de investigar a influência da espiritualidade na vida dos indivíduos sob a perspectiva psicanalítica, contribuindo para a compreensão mais aprofundada e holística da relação entre espiritualidade e psicologia humana.

Uma experiência espiritual é única e diferente das experiências cotidianas, afeta as percepções centrais de si mesmo e da vida, pode mudar ideias sobre quem você é e o que sua vida significa. Do ponto de vista psicológico, as experiências espirituais são complexas, envolvendo emoções, crenças, atitudes, valores, comportamentos e circunstâncias sociais. Ele transcende essas categorias psicológicas e dá ao indivíduo uma sensação de totalidade. (LOTUFO NETO; LOTUFO JR; MARTINS, 2009, p. 13).

De acordo com Guimarães (2010), descrever a espiritualidade por meio de estudos teóricos da psicologia é saber que há disposições diferentes ou mesmo contrárias, dependendo do autor em que se está estudando. Os autores, como parte de um estudo teórico da psicologia, tentaram abordar a questão da espiritualidade e seus pressupostos psicológicos, "No entanto, alguns veem o espiritual como algo positivo que leva à superação de situações, transcendência ou liberdade, enquanto outros a sugerem como um fator negativo" (GONÇALVES, 2010, p. 36).

Amatuzzi (2001) também afirma que há no ser humano uma espiritualidade reprimida ou um senso que é algo que está na base de nossa subjetividade. Se o ser humano usar sua capacidade de analisar seu comportamento, que é o que o distingue das demais criaturas, para se questionar sobre o sentido das coisas, o sentido da vida, acabará se perguntando o que é inexplicável, ou seja, fará um questionamento que ultrapassa o limite do seu conhecimento, o que dá prova a esse questionamento é o senso espiritual.

O reino espiritual não é originalmente um reino de perguntas sobre Deus, mas sobre tudo o que acontece. Ao longo deste caminho acabamos por encontrar questões de sentido único e tocar em questões de transcendência, como se tivéssemos consciência da totalidade do horizonte, e isso não responde minhas questões (AMATUZZI, 1999, p. 127).

A espiritualidade é parte importante da subjetividade de muitas pessoas. Acessar o sagrado hoje é feito em outro momento e de forma diferente. Ao desenvolver a espiritualidade, o ser humano pode submeter a diferentes sensações e também reagir de diferentes formas.

Nas últimas décadas, a psicologia tem se concentrado no campo da espiritualidade e sua união com a saúde mental, o bem-estar psicológico e a inclusão bio- psicossocio-espiritual do indivíduo (OLIVEIRA; JUNGES, 2012).

Segundo Lancetti e Amarante (2006) a saúde mental é considerada “mente saudável”, para outros pesquisadores essa definição ganha uma abrangência ainda maior, pois essa mentalidade com saúde é o “movimento constante do sujeito em busca do bem-estar, e será um modo de vida que o ajudará a enfrentar as dificuldades cotidianas e criar um processo de mudança e identidade, não uma ausência” (OLIVEIRA; JUNGES, 2012, p. 469).

Esse cenário se aproxima do conceito de “bem-estar” na perspectiva de Minayo, Hartz e Buss (2000) e, assim, abre espaço para pensar o papel da espiritualidade na saúde

mental. Portanto, ela simboliza a grandeza de toda experiência, e se fundamenta em aspectos sociais e subjetivo do sujeito.

1.2 Problematização

A problemática que norteia este estudo é a influência da espiritualidade na vida dos indivíduos, sob a perspectiva psicanalítica, posto que embora a espiritualidade seja um tema que tem ganhado cada vez mais atenção na sociedade, especialmente na área da saúde mental, ainda há um déficit na compreensão da relação entre espiritualidade e psicologia humana. A perspectiva psicanalítica oferece uma abordagem que pode contribuir para a compreensão desse fenômeno, uma vez que busca analisar o comportamento humano a partir da relação entre o consciente e o inconsciente.

Observando os diferentes caminhos percorridos por cada um, analisando-os e considerando sua importante contribuição para a formação do psiquismo humano, oferecemos as seguintes reflexões. É possível estabelecer um diálogo entre a espiritualidade e a psicanálise? Como isso se relaciona com a prática psicanalítica? Até que ponto a psique pode ser afetada pelas crenças ou pela falta de espiritualidade? Para responder a essas questões, discutiremos a espiritualidade a psicanálise e o sujeito.

Dessa forma, este estudo destaca como questão norteadora: Qual é a influência da espiritualidade na vida dos indivíduos e como essa relação pode ser compreendida a partir da perspectiva psicanalítica? O que é espiritualidade em psicanálise? O quanto a espiritualidade depende da cultura? Como esse aspecto influencia na vida dos sujeitos na visão psicanalítica?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a responsabilidade atribuída a espiritualidade na vida dos indivíduos, utilizando uma perspectiva psicanalítica por meio de revisão bibliográfica da literatura.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Analisar o conceito de espiritualidade na psicanálise.

- Verificar a relação da espiritualidade com a compreensão da vida emocional dos sujeitos.
- Investigar a influencia da cultura na espiritualidade dos sujeitos e como esse contexto é considerado na perspectiva psicanalítica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Espiritualidade

A espiritualidade assume muitas formas, desde as mais primitivas até as mais complexas, tornando difícil uma definição única ao longo da história humana. Com base na pesquisa científica nascida no final do século XIX, a espiritualidade ganha destaque e atrai a atenção para que vários campos das ciências sociais e humanas busquem respostas para esse campo. “A espiritualidade é estudada não apenas como método de pesquisa histórica, mas também como contexto cultural e político” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Segundo a interpretação de Fucner (2012, p. 165), entendendo que a espiritualidade é historicamente construída como uma estrutura social, o conceito de cultura pode ser descrito como "semiótico", ou seja, “uma cultura que busca entender como as pessoas podem interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve”. Logo, as questões espirituais se desenvolvem dentro dessa atmosfera social e interage com ela. Também faz parte da realidade humana, buscando proporcionar uma reflexão que se estende a todos os aspectos da vida:

A espiritualidade é característica essencial do ser humano, fazendo-o distinguir-se de todas as demais espécies. Todo ser humano possui espiritualidade. Espiritualidade é essa dimensão da busca de sentido; envolve a dimensão da escolha e da responsabilidade. É ligada à capacidade do ser humano de refletir sobre sua própria existência. A espiritualidade no ser humano aponta para a dimensão da transcendência, de poder acessar a uma realidade diferente da realidade imediata e apreensível. Ela não se liga de imediato a qualquer tema ou assunto religioso, porém, como fonte originária do sentido, ela abarca essa dimensão da religiosidade e do ser transcendente. Espiritualidade é o conjunto de todas as emoções e convicções de

natureza não material; ela supõe que há mais no viver do que o que pode ser compreendido e percebido (DE CARVALHO GUIMARÃES, 2010, p. 27).

Uma outra definição que envolve a espiritualidade, afirma que é a busca pessoal por “respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar a ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade” (PANZINI et al. 2007, p. 106). Com isso, a compreensão da moral e a ética perpassam esse conceito, pois se apresentam como uma forma de entender o mundo, uma vez que emergem da espiritualidade, mais especificamente de um modo de vida, embora tenha várias feições, conforme cada momento histórico.

Embora a espiritualidade seja característica de todo ser humano, ela pode ser cultivada ou não. “Inculcar espiritualidade por meio das crenças religiosas é uma maneira, mas não é a única”. (PINTO, 2009, p. 73).

Segundo Rohr (2011), refletir sobre espiritualidade significa em um primeiro momento, levar em consideração a integralidade do ser humano. O conceito de espiritualidade diz respeito às conjunturas da constituição da subjetividade do sujeito por si mesmo e remete ao: “conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc, que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito o preço a pagar para ter acesso à verdade” (FOUCAULT, 2004, p.20).

A espiritualidade pode trazer benefícios ou malefícios para o mesmo, isso dependerá do modo com que ela é empregada. Dalgalarondo (2006) afirma que “a espiritualidade pode ter uma conotação positiva quanto à socialização do homem, à união e apoio em grupos, à busca pelo sentido da vida, conforme citado acima, além dos próprios comportamentos ligados à saúde, alimentação e sexualidade”. Por outro lado, a espiritualidade pode ocasionar malefícios ao ser humano quando esta se volta para um campo em que culpabiliza o homem por seus atos, fazendo com que este viva um sofrimento psíquico (AMATUZZI; ANTUNES, 2006).

A influência da espiritualidade sobre a saúde mental é um fenômeno resultante de vários fatores como: estilo de vida, suporte social, um sistema de crenças, práticas religiosas, formas de expressar estresse, direção e orientação espiritual (MoreiraAlmeida, Lotufo Neto, & Koenig, 2006). Stroppa e MoreiraAlmeida (2008) demonstram que muitos estudos apontam, em seus resultados, que maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente a indicadores de bem-estar psicológico, como satisfação com a vida, afeto positivo e moral elevado, felicidade, melhor saúde física e mental. De acordo com Panzini e Bandeira (2007), um dos suportes e estratégias de enfrentamento que a espiritualidade traz no

dia a dia é justamente o estímulo ao auxílio ao próximo, composta por diversas ações, como a prática da bondade e a verdade.

A espiritualidade tem influência direta no abandono ou diminuição no uso de substâncias químicas, por parte dos jovens, pois leva estes a compreender sob uma ótica reflexiva a dispensável utilização destes elementos (BORINI et al., 1994). Além disso, faz o jovem refletir acerca de sua responsabilidade por suas próprias decisões (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Em concordância com essas ideias a literatura aponta a espiritualidade incorporada ao crescimento individual do sujeito; tanto subjetivamente, em sua autopercepção, autoconhecimento e sentimento de bem-estar, quanto objetivamente, em condutas de empatia que aprimoram a qualidade dos relacionamentos interpessoais (CAMBUY, et al., 2006; BAUNGART; AMATUZZI, 2007).

A espiritualidade se refere a um amplo domínio da subjetividade humana, refletindo nos valores, ideais e crenças do indivíduo, bem como no senso de percepção do eu, do significado e propósito da vida e da conexão que o sujeito estabelece com os outros e com o mundo em que vive. Até o século XIX espiritualidade era considerada sinônimo de religião e a partir de então foi sendo estabelecida distinção entre esses conceitos. Religião é caracterizada então como uma prática institucional e doutrinária compartilhada por um grupo de indivíduos. A espiritualidade é a busca pessoal por significado e sentido na existência e sua relação com o sagrado e ela pode ou não estar vinculada a uma designação religiosa. (DAL-FARRA et al., 2010)

Entender que “A espiritualidade corresponde à abertura da consciência ao significado e totalidade da vida, abertura essa que possibilita uma recapitulação qualitativa do processo vital. A busca de sentido ou significado para a vida envolve uma necessidade que somente pode realizar-se em um nível imaginário e simbólico. ” (MONTEIRO, 2008, apud REGINATO et al., 2016).

Teixeira et al. (2004) aprofundaram estudos e verificaram que indivíduos em tratamentos psicológicos que estão “conectados” com sua espiritualidade têm respostas melhores ao tratamento e diminuição de sintomas. Sua pesquisa indicou que aqueles com maior “ligação” com a espiritualidade são mais beneficiados com os tratamentos do que outros.

O manejo da espiritualidade, então, se torna fundamental para proporcionar ao paciente os melhores cuidados, resultando em qualidade de vida e bem-estar geral, porque se trata não só de uma ferramenta ao profissional, para assistir completamente ao paciente, mas também para a família e para o próprio indivíduo.

2.2 A espiritualidade na psicanálise

A psicanálise se estabelece em nossa atualidade como uma disciplina enigmática e fascinante que apresentou seu surgimento como uma inovadora e poderosa abordagem às profundezas ocultas da mente humana, segmentadas pelo gênio incontestável, Sigmund Freud. “Posto tais concepções, a incursão analítica de Freud no intrincado labirinto da psique desvelou uma multiplicidade de fenômenos que permaneciam velados sob o manto do desconhecido” (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021, p.10).

A psicanálise é compreendida como uma forma de tratar problemas psíquicos e, “inclusive, um método de pesquisa que tem como objetivo a investigação e compreensão do inconsciente. É considerada como uma forma de tratamento das psiconeuroses que acometem os seres humanos” (COELHO, 2020, p. 5-6).

A psicanálise freudiana impôs limites à autonomia plena da consciência na vida do ser humano. Ao apresentar a teoria do que existe um “sistema inconsciente”, ela defende, portanto, um novo “meio de se fazer ciência”. Esse novo meio de se fazer ciência é o de se aprofundar no desconhecido, investigar elementos que todos “consideravam banal ou natural e ver que na vida dos seres humanos existem fatores predominantes que marcam profundamente a pessoa, fazendo com que ela seja influenciada e, muitas vezes, conduzida por experiências marcantes e, às vezes, traumáticas que surgiram no decorrer de sua existência” (SANTOS, 2012, p.18).

Freud criou com a psicanálise um estudo profundo do psiquismo humano. A psicanálise é, antes de tudo, um método terapêutico perpassado por bases racionais para tratamento dos problemas psíquicos. A teoria psicanalítica está estruturada em vários fatores que foram importantes na elaboração de sua teoria.

Pode-se dizer que a psicanálise começou a tomar forma como uma disciplina distinta “no final do século XIX e início do século XX, com a contribuição de Freud e seus colaboradores, contudo, é difícil apontar um ano específico em que Freud tenha deliberado seus pensamentos sobre a psicanálise”, uma vez que seu crescimento se deu de forma gradativa ao longo de vários anos (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021, p. 15).

Com efeito, uma das mais notáveis contribuições de Freud à psicologia foi a postulação de uma dimensão subjacente que governa nossos pensamentos, emoções e ações, a qual denominou de inconsciente. Este domínio inexplorado, repleto de pulsões, desejos e complexos reprimidos, molda nossas vidas de maneiras impenetráveis, e a psicanálise constitui-se como a ciência da interpretação desses conteúdos ocultos (ANDRADE, 2022).

As contribuições de Sigmund Freud para a compreensão do inconsciente na psicanálise

são inestimáveis e tiveram um impacto duradouro na teoria e prática da psicologia. O inconsciente é apresentado por Freud como um aspecto parte da mente, para tal, Freud foi pioneiro na ideia de que a mente humana é composta tanto por processos conscientes quanto inconscientes. Ele propôs que o inconsciente contém desejos, memórias, sentimentos e pensamentos que estão fora da consciência, mas que influenciam nosso comportamento, emoções e decisões (BEZERRA JR; SAROLDI, 2013).

Um mecanismo fundamental do inconsciente, segundo Freud, é a repressão, que ocorre quando pensamentos e sentimentos indesejáveis ou perturbadores são "empurrados" para o inconsciente, a fim de evitar a angústia e o sofrimento. Esses conteúdos reprimidos, no entanto, não desaparecem e podem emergir em sonhos, sintomas neuróticos e comportamentos disfuncionais (ANDRADE, 2022).

Na relação terapêutica, Freud observou o fenômeno da transferência, em que os pacientes projetam seus sentimentos e expectativas inconscientes relacionados a figuras parentais ou outras figuras importantes em suas vidas no terapeuta. A contratransferência se refere à resposta emocional do terapeuta ao paciente, que também pode ser influenciada por conteúdos inconscientes (SILVA, COELHO, PONTES, 2017).

Ainda na compreensão do inconsciente, Freud reforçava o papel dos sonhos nessa projeção, deste modo, acreditava que os sonhos eram uma "via régia" para o inconsciente, oferecendo uma janela para os desejos e conflitos ocultos. Em "A Interpretação dos Sonhos", ele propôs que os sonhos são uma forma de realização de desejos reprimidos e que a análise dos sonhos pode revelar as motivações e conflitos subjacentes (ANDRADE, 2022).

Essas contribuições de Freud sobre o inconsciente na psicanálise lançaram as bases para a compreensão moderna da mente humana e continuam a influenciar a teoria e a prática da psicologia e da psicoterapia até hoje (SILVA, COELHO, PONTES, 2017).

O conceito de Eros e Thanatos, introduzido por Sigmund Freud, representou uma ampliação significativa da teoria das pulsões na psicanálise, propondo que a vida humana é governada por duas forças fundamentais e opostas: a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte (Thanatos). Essas duas forças, em constante tensão e interação, desempenham um papel crucial na compreensão do comportamento humano e dos conflitos psíquicos (COSTA et al., 2015).

Eros, a pulsão de vida, é responsável pela busca de prazer, satisfação e conexão interpessoal, que tende a englobar os impulsos sexuais e eróticos, bem como os impulsos que nos levam a criar vínculos afetivos e sociais, promovendo a cooperação, a harmonia e a integração. Essa força vital impulsiona nosso desejo de preservar e sustentar a vida, tanto individualmente quanto coletivamente, deste modo, Eros é a energia que alimenta a criatividade, a empatia e o amor, e sua presença é vital para a saúde mental e emocional. Por outro lado, Thanatos, a pulsão de morte, representa a força destrutiva e desagregadora na psique humana, ao modo que abrange impulsos

autodestrutivos, agressivos e violentos, que podem ser manifestados tanto interna quanto externamente. Internamente, a pulsão pode se manifestar como pensamentos e comportamentos autodestrutivos, como automutilação, abuso de substâncias ou isolamento social. Externamente, Thanatos pode se expressar como agressão direcionada a outras pessoas ou a grupos, violência, conflitos e até mesmo a destruição do meio ambiente, posto que a pulsão de morte é um aspecto complexo e enigmático da natureza humana, cuja presença pode levar a conflitos psíquicos e sofrimento emocional (COSTA et al., 2015, p 55).

O entendimento e a integração dessas forças podem ser fundamentais para o processo terapêutico, permitindo aos indivíduos alcançarem uma maior autoconsciência e uma vida mais equilibrada e significativa (COELHO, 2020).

Ainda nas perspectivas e contribuições desses processos iniciais da Psicanálise, Freud delineou a estrutura da mente em três instâncias inter-relacionadas: o id, o ego e o superego. O id, impulsionado pelas pulsões, é a fonte primordial de energia psíquica e almeja a satisfação imediata dos desejos (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021).

O ego, em contraste, atua como um mediador pragmático entre o id e a realidade externa, regulando e modulando as demandas do id com base na razão e no princípio da realidade. Por fim, o superego representa a dimensão moral e ética da personalidade, atuando como uma espécie de juiz ou censor das ações e pensamentos do ego e do id (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021).

Ao discutir o id, o ego e o superego, é fundamental entender como essas três instâncias psíquicas interagem e influenciam uns aos outros no funcionamento da mente e no comportamento humano. Essa interação complexa e dinâmica é o que determina a maneira como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos, e é uma área de foco importante na teoria e na prática da psicanálise. O equilíbrio entre o id, o ego e o superego é crucial para a saúde mental e a estabilidade emocional, ao modo que quando essa harmonia é perturbada, pode resultar em conflitos internos e dificuldades psicológicas. Por exemplo, um ego fraco ou subjugado pode ter dificuldade em mediar entre as demandas impulsivas do id e as exigências moralistas do superego, levando a comportamentos disfuncionais, ansiedade e culpa. Por outro lado, um ego demasiadamente rígido ou autoritário pode inibir a expressão saudável das necessidades e desejos do id, resultando em repressão e frustração emocional (KREIBICH; LEITE, 2018).

Em suma, a psicanálise, com sua ênfase no inconsciente e na complexidade da psique humana, constitui um marco incontornável no campo da psicologia, assim como de outras áreas, e oferece uma compreensão abrangente e profunda dos mistérios que permeiam a mente humana. Para além sua abordagem também envolve aspectos culturais referentes a espiritualidade, que se apresentam em grandes marcos decorrentes desta linha psicanalítica.

A visão de Freud sobre a espiritualidade é complexa e, em muitos aspectos, crítica. Em sua obra "O Futuro de uma Ilusão" (1927), Freud aborda a espiritualidade como uma ilusão, ou seja, uma crença não baseada na realidade, mas que tem uma função psicológica e social, seus pensamentos envolvem que a espiritualidade surge das necessidades humanas de lidar com

o medo da natureza, a incerteza da vida e a angústia da mortalidade. Nesse sentido, a espiritualidade funciona como um mecanismo de defesa coletivo, oferecendo consolo, significado e uma sensação de controle sobre um mundo frequentemente caótico e imprevisível (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021).

Freud também relacionou a espiritualidade à sua teoria do desenvolvimento psicosssexual e ao complexo de Édipo, ao qual sugeriu que a figura de Deus representa um pai protetor e autoritário, e que a adoração e a submissão a Deus refletem a necessidade infantil de buscar proteção e aprovação paterna. Em seus ensaios, Freud explorou a origem da espiritualidade como uma expressão do sentimento de culpa inconsciente e do desejo de expiação (BEZERRA JR; SAROLDI, 2013).

A condição de desamparo em que o bebê vem à vida faz com que ele se experimente como um corpo despedaçado, sem significação e esse caos só se consegue suportar na relação com o Outro. A alienação é uma via de salvação, ela é necessária para suportar o despedaçamento do Eu. Contudo, se assujeitar ao Outro implica em se assujeitar ao desejo desse Outro (SIRELLI, 2010). O sujeito não pode se desenvolver preso ao desejo do Outro, é necessário se separar do Outro para se constituir a partir do seu próprio desejo. É a separação que torna o sujeito desejante, desejante porque ao se separar do Outro sua falta é evidenciada e é a falta que move o sujeito em direção a realização do seu desejo (LACAN 1964). O sujeito em psicanálise diz do sujeito do inconsciente, só existe sujeito se existir falta, é ela que funda o sujeito e ela só aparece se houver a separação desse Outro. É na separação que se funda o inconsciente, ocorre uma separação entre o Eu e o Sujeito. Sendo assim, o sujeito em psicanálise não se trata de um ser “de carne e osso” propriamente dito; o sujeito não “nasce”, ele se constitui por meio do campo da linguagem na relação com o Outro. É na relação com o outro que significantes vão sendo dados ao bebê e que ao se articularem vão gerando sentido (ELIA, 2010).

Apesar de sua visão crítica, Freud reconheceu o papel das crenças espirituais na vida das pessoas e na cultura em geral, suas teorias apontavam que a espiritualidade pode promover a solidariedade social, a coesão moral e a resiliência psicológica, mesmo que esses benefícios sejam baseados em ilusões compartilhadas (LEITE, MACEDO, ANDRADE, 2021).

No entanto, Freud também alertou sobre os perigos potenciais da espiritualidade, argumentando que a adesão acrítica a crenças dogmáticas e autoritárias pode levar à intolerância, ao fanatismo e à violência. Freud acreditava que a humanidade deveria buscar substituir a espiritualidade pela ciência e pela razão, como meio de alcançar uma compreensão mais precisa e objetiva do mundo e de resolver os problemas humanos ((NASIO, 1995).

Embora a psicanálise, iniciada por Freud, fosse em seus primórdios bastante cética em relação à espiritualidade, essa visão mudou progressivamente. Ao longo das décadas, conforme a psicanálise se expandiu e se diversificou, a interpretação dos conceitos de espiritualidade também se transformou e amadureceu. O progresso nessa área se deu de tal maneira que hoje a psicanálise contempla a espiritualidade como uma faceta importante da experiência humana. Em outras palavras, a evolução da abordagem da espiritualidade está intrinsecamente ligada à expansão e diversificação da psicanálise (SILVA, 2017).

Ao longo da história da psicanálise, diversos pensadores e teóricos contribuíram para a ampliação da compreensão do ser humano, incluindo dimensões espirituais. Carl Gustav Jung, por exemplo, um discípulo de Freud que posteriormente seguiu seu próprio caminho teórico, deu grande importância aos aspectos espirituais da psique humana, através da teoria junguiana dos arquétipos e do inconsciente coletivo, Jung sugere que as experiências espirituais são fundamentais para o desenvolvimento humano e que a espiritualidade é uma dimensão essencial da condição humana (RIZZUTO, 2001).

Outros teóricos da psicanálise, como Erich Fromm e D.W. Winnicott, também abordaram a espiritualidade como parte integrante da experiência humana, destacando a importância de explorar e integrar aspectos espirituais no processo terapêutico. Eles enfatizaram a necessidade de considerar a espiritualidade como um recurso para o crescimento pessoal e para o enfrentamento das dificuldades da vida (AZEVEDO, 2010).

Atualmente, a psicanálise adota uma postura mais aberta e inclusiva em relação à espiritualidade, reconhecendo a importância dessa dimensão para muitas pessoas e seu potencial para promover o bem-estar emocional e a resiliência. (CUNHA, 2018).

O tema da relação entre a psicanálise e a espiritualidade é uma matéria complexa, intrincada e ainda em constante evolução. A trajetória dessa relação tem transitado desde uma postura inicialmente crítica - manifesta nos primórdios da psicanálise com Freud - até uma abordagem progressivamente mais aberta e integrativa, ainda que esse movimento não seja de todo pacificado. (DUPAS, 2007).

Desta maneira, a despeito do crescente reconhecimento da espiritualidade como um componente crucial da experiência humana, e a predisposição de muitos psicanalistas e terapeutas em integrar essa dimensão em sua prática, deve-se considerar a vasta complexidade e as inerentes controvérsias que permeiam essa área. Trata-se de um campo intrincado de estudo que engloba uma multiplicidade de conceitos, crenças e práticas, cada uma com suas próprias nuances e implicações (DIAS; SAFRA, 2015, p. 174).

Este cenário reitera a necessidade de abordagens terapêuticas que sejam simultaneamente holísticas e personalizadas. Ou seja, abordagens que não apenas reconheçam

a espiritualidade como uma parte integral do ser humano, mas que também estejam preparadas para lidar com a diversidade da experiência humana em sua totalidade. “A espiritualidade, afinal, não é um fenômeno homogêneo ou universalmente experienciado; ela se manifesta de maneiras únicas e idiossincráticas em cada indivíduo e cultura, e como tal, requer uma abordagem que seja flexível e sensível a estas variações”. (COELHO, 2020, p. 24).

Ademais, é importante estar consciente do fato de que a espiritualidade, particularmente no contexto da psicanálise, é um tema de debate contínuo e às vezes acirrado. “Qualquer tentativa de abordar a espiritualidade na prática psicanalítica ou terapêutica deve estar preparada para navegar nestas complexidades e controvérsias” (DIAS; SAFRA, 2015, p. 180).

Concluindo, a inclusão da espiritualidade na psicanálise, embora cada vez mais reconhecida como valiosa, representa um desafio intelectual e prático significativo. Não obstante, é um desafio que vale a pena enfrentar, dado o potencial da espiritualidade para enriquecer a compreensão da experiência humana e para aprimorar a eficácia da psicanálise e da terapia.

2.3 A relação entre espiritualidade e cultura

A espiritualidade e a cultura, embora sejam domínios conceituais distintos, se entrelaçam de maneira complexa e multifacetada na tapeçaria da experiência humana. De forma geral, a espiritualidade pode ser conceituada como a busca individual ou coletiva por significado, propósito e conexão transcendente. É um domínio que engloba crenças, práticas e experiências que ultrapassam o material, o tangível, adentrando no reino do transcendente (ARAÚJO, 2018).

Por outro lado, a cultura, um conceito eminentemente antropológico, representa o conjunto de valores, normas, instituições e artefatos que um grupo humano desenvolve ao longo do tempo e que define sua identidade coletiva (ARAÚJO, 2018).

A espiritualidade e a cultura coexistem em uma interdependência dialética, ao modo que a cultura molda e é moldada pela espiritualidade, a espiritualidade, por sua vez, está profundamente enraizada na cultura da qual emerge e à qual contribui. As crenças espirituais de um povo, suas práticas e rituais, seus símbolos e mitos sagrados, tudo isso é culturalmente situado e mediado. Simultaneamente, essas expressões espirituais influenciam profundamente a cultura, fornecendo estruturas de significado, orientando comportamentos e atitudes, e contribuindo para a identidade coletiva (MACRA, 2016).

Através do prisma da psicanálise, a interseção entre espiritualidade e cultura se torna

ainda mais intrigante, posto que a psicanálise, com sua ênfase na importância dos processos inconscientes e simbólicos, oferece uma lente única para explorar os modos sutis e muitas vezes ocultos pelos quais a espiritualidade e a cultura interagem e se influenciam mutuamente (SANTOS NETO, GUIMARÃES, 2018).

A proposta de estudo desta pesquisa visa aprofundar na relação multifacetada entre espiritualidade e cultura, explorando como essa interação molda e é moldada pelos indivíduos e suas experiências. Esta jornada nos permitirá lançar uma nova luz sobre o impacto profundo que a espiritualidade pode ter na vida das pessoas, especialmente quando vista através do olhar revelador da psicanálise. Frente a todos esses aspectos, considerando a influência da espiritualidade sobre a cultura, pode-se afirmar que a espiritualidade não é apenas um produto da cultura, mas também um agente ativo e potente na sua formação e transformação. É através da lente espiritual que a cultura é, muitas vezes, decifrada e percebida, moldando profundamente seus contornos (SANTOS NETO, GUIMARÃES, 2018, p. 68).

A influência da espiritualidade na cultura pode ser vista de várias maneiras, em exemplificação, as crenças e práticas espirituais frequentemente estabelecem as normas sociais dentro de uma comunidade, das quais ditam ou influenciam comportamentos aceitáveis, rituais de passagem e até mesmo leis. Por exemplo, muitas normas sociais, desde os mandamentos judaico-cristãos até os preceitos budistas, têm origens espirituais, da mesma forma, muitas leis, especialmente aquelas relacionadas a questões morais e éticas, são frequentemente baseadas em princípios espirituais (SANTOS NETO, GUIMARÃES, 2018).

Além disso, a espiritualidade também molda os valores culturais. Os ensinamentos espirituais frequentemente enfatizam certos valores, como compaixão, amor, justiça, humildade, que se tornam incorporados na cultura em geral. Esses valores espirituais, por sua vez, influenciam a maneira como as pessoas dentro dessa cultura pensam, sentem e agem.

A espiritualidade também desempenha um papel crucial na formação das artes e da expressão criativa dentro de uma cultura. A arte tem sido frequentemente usada como meio de expressar e explorar questões espirituais. Da arte sacra da Idade Média, passando pela poesia mística do sufismo, até a música gospel dos EUA, a espiritualidade tem sido uma fonte de inspiração e tema central para artistas de todas as culturas (ARAÚJO, 2018).

Portanto, cabe ressaltar que a espiritualidade não é apenas um aspecto da cultura, mas também um fator significativo que a molda e a influencia. As normas sociais, os valores e as artes, todos esses aspectos da cultura são profundamente influenciados pelas crenças e práticas espirituais de um povo. Assim, a espiritualidade e a cultura interagem em um ciclo dinâmico de influência mútua, contribuindo para a rica complexidade da experiência humana.

O que acontece com relação às ideias espirituais é que o homem reproduz as forças da natureza seguindo um modelo infantil. Repete-se a situação de abandono do humano e a procura

por um pai protetor. Esse pai se torna existente, verdadeiro a partir da concepção de Deus.

Em relação à subjetividade, Guimarães (2011) diz que dentre as várias correntes psicológicas, observa-se que elas alcançam a subjetividade como um produto de “processos internos e dissociada muitas vezes dos processos e influências sociais” (GUIMARÃES, 2011, p. 97). Os processos de subjetivação é uma linha de pesquisa nova dentro da Psicologia, de acordo com Guimarães (2011), e não é um ponto específico dessa ciência, que busca tratar e entender a subjetividade enquanto um ato conectado à aparência, à influência do meio social.

Pela perspectiva existencial, Neto (2006 *apud* GUIMARÃES, 2011) explica que em uma abordagem como essa - a subjetividade -, representa a ideia de interioridade e dispõe de uma ideia de ordem em permanente transformação e à diversidade de sua constituição.

Guimarães afirma que observar o processo de subjetivação, compreendendo a subjetividade como processo, é perceber os fenômenos não como fatos isolados, mas como fatos sociais ligados a um contexto. Para finalizar, a espiritualidade é considerada como uma medida importante do ser humano e como formadoras de medidas subjetiva de cada ser em particular e da vida em sociedade (GUIMARÃES, 2011).

Para aprofundar a compreensão da intersecção entre espiritualidade e cultura, precisamos reconhecer o contexto multifacetado no qual esses domínios coexistem. Tanto a cultura quanto a espiritualidade são entrelaçadas na trama da vida humana, uma contribuindo para a formação e o desenvolvimento da outra (BOAS, ZEFERINO, SERRATO, 2021).

A espiritualidade, com seu foco na busca de propósito, significado e conexão transcendente, não é um fenômeno isolado, mas emerge dentro de um contexto cultural específico. A cultura, por outro lado, como uma construção social complexa que incorpora valores, normas, instituições e artefatos, proporciona o quadro dentro do qual as expressões espirituais se manifestam e evoluem (ARAÚJO, 2018).

Neste sentido, podemos apreciar a espiritualidade e a cultura como duas forças interativas que moldam a identidade e a experiência humana. As crenças e práticas espirituais, os rituais e os mitos sagrados de um povo, estão intrinsecamente ligados ao seu contexto cultural. Da mesma forma, a cultura é profundamente influenciada por essas manifestações espirituais, que fornecem estruturas de significado, orientam comportamentos e atitudes, e contribuem para a identidade coletiva (ARAÚJO, 2018).

No entanto, a relação entre cultura e espiritualidade não é meramente unidirecional. A cultura não é apenas um receptáculo passivo de expressões espirituais, mas também um agente ativo que molda e contextualiza a espiritualidade. As normas culturais e os valores sociais, por exemplo, influenciam a maneira como a espiritualidade é expressa e vivenciada. Da mesma forma, a espiritualidade, por sua vez, serve como um veículo para questionar, desafiar e transformar as estruturas culturais existentes. Examinando

essa dinâmica através da lente da psicanálise, podemos começar a apreciar a complexidade dos processos inconscientes e simbólicos que influenciam a relação entre cultura e espiritualidade. A psicanálise oferece uma perspectiva única para explorar a maneira como a espiritualidade e a cultura se interpenetram e se afetam mutuamente em níveis profundos e muitas vezes ocultos (FERNADES; OLIVEIRA, 2016, p. 38).

Considerar a maneira como as crenças e práticas espirituais estabelecem as normas sociais dentro de uma comunidade, influenciando os comportamentos aceitáveis, os rituais de passagem e até mesmo as leis. Muitas normas sociais, dos mandamentos judaico-cristãos aos preceitos budistas, têm origens espirituais. Da mesma forma, muitas leis, especialmente aquelas relacionadas a questões morais e éticas, são frequentemente baseadas em princípios espirituais (ARAÚJO, 2018).

Da mesma forma, a espiritualidade molda os valores culturais. Os ensinamentos espirituais muitas vezes enfatizam certos valores, como compaixão, amor, justiça e humildade, que se tornam incorporados na cultura em geral. Estes, por sua vez, influenciam a maneira como as pessoas dentro dessa cultura pensam, sentem e agem (BOAS, ZEFERINO, SERRATO, 2021).

Além disso, a espiritualidade tem uma presença significativa na formação das artes e da expressão criativa dentro de uma cultura. A arte é frequentemente usada como veículo para expressar e explorar questões espirituais. Desde a arte sacra da Idade Média, passando pela poesia mística do sufismo, até a música gospel dos EUA, a espiritualidade tem sido uma fonte inesgotável de inspiração e tem sido o tema central para artistas de todas as culturas (ARAÚJO, 2018).

A espiritualidade e a cultura, portanto, interagem em um ciclo dinâmico de influência mútua, contribuindo para a rica complexidade da experiência humana. Os processos de subjetivação, que se referem ao desenvolvimento da individualidade de uma pessoa em relação ao seu contexto cultural e espiritual, são parte integral dessa dinâmica. A subjetividade é moldada não apenas pelos processos internos, mas também pelos processos sociais e culturais. É neste entrelaçamento complexo que a espiritualidade encontra um solo fértil para florescer e se manifestar (BOAS, ZEFERINO, SERRATO, 2021).

A perspectiva psicanalítica oferece uma lente única para explorar esse fenômeno. Freud, o fundador da psicanálise, acreditava que as ideias espirituais eram reproduções de forças naturais, vistas através do prisma da experiência infantil. Segundo Freud, o homem busca um pai protetor nas figuras de divindades, repetindo a situação de abandono do humano (BOAS, ZEFERINO, SERRATO, 2021).

Essa divindade torna-se existente e verdadeira a partir da concepção de Deus. No

entanto, esta visão foi contestada por Jung, que viu a espiritualidade como uma parte integrante da psique humana e propôs uma visão mais integrativa da relação entre psique e espiritualidade (WINNICOTT, 1986).

No entanto, ao longo do tempo, a psicanálise tem se movido além dessas posições iniciais para explorar a complexa interação entre a espiritualidade e a cultura. A abordagem contemporânea reconhece a influência profunda da cultura na formação da espiritualidade, bem como o papel potente da espiritualidade como um agente ativo na formação e transformação da cultura (FERNANDES; OLIVEIRA, 2016).

Para concluir, a espiritualidade é uma medida essencial do ser humano e contribui significativamente para a formação da subjetividade de cada ser e da vida em sociedade. Assim, é importante explorar mais a fundo a relação entre espiritualidade e cultura, não apenas para entender melhor a natureza humana, mas também para ajudar os indivíduos a navegar por suas próprias jornadas espirituais dentro de seus contextos culturais específicos. A compreensão dessa dinâmica pode permitir a criação de abordagens terapêuticas mais eficazes e personalizadas, que levam em conta a interdependência e a interação complexa entre espiritualidade e cultura.

2.4 Constituição do sujeito

Como psicanalista, Winnicott “buscou criar um conceito de saúde mental a partir do desenvolvimento das emoções primitivas” (WINNICOTT, 1986, p. 77) e considerou a espiritualidade como um espaço possível para a saúde mental e a criatividade (WINNICOTT, 1986, p. 77).). Como médico pediatra, Winnicott se interessou pelo desenvolvimento dos bebês e principalmente a figura materna (WINNICOTT, 1983, p. 81).

Chauvet fazendo menção as ideias de Winnicott descreve que a relação entre esses domínios na vida humana, assim:

Na forma de experimentos internos que caracterizam a arte, a espiritualidade, a vida imaginária e as criações científicas, Winnicott procura mostrar como os objetos transicionais da criança constituem o ponto de partida para o curso da vida. Portanto, é necessário compreender uma série de fenômenos culturais. Como um processo de "conversão de fenômenos". Entre o reino psíquico interno e o reino externo está o terceiro reino. Um lugar de vivência cultural ou jogo criativo, o que o autor chama de “espaço potencial”, onde a relação com a realidade é uma brincadeira, criação artística ou ritual espiritual (CHAUVET, 1995, p. 52).

Visto nesse contexto, fica claro que grande parte da formação ocorre no primeiro ano de vida da criança, onde o desenvolvimento emocional acontece desde o princípio, já que num estudo da construção da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida e até mesmo do último estágio da vida, até a experiência do nascimento, sendo que cada momento pode ser significativo.

[...] Apesar da nossa ignorância nesta matéria, é a qualidade de vida dos bebês que, de forma única, os habilita a serem protegidos nesta fase vulnerável e permite-lhes dar um contributo positivo para satisfazer as suas necessidades óbvias. Há algo nas mães. Uma mãe pode assumir esse papel se se sentir segura. Se você sente amor em seu relacionamento com o pai e a família de seu filho; E tem um senso de aceitação no círculo cada vez maior que envolve a família e compõe a sociedade (WINNICOTT, 1958, p. 4).

Assim, percebe-se que a biografia de cada indivíduo se inicia com o primeiro contato com a história de outra pessoa, construída em relação às imagens e conceitos do indivíduo inerentes à sua aparência e vícios. Nesse espaço de potencial relacional, portanto, a espiritualidade dialoga com a psicanálise. Em seus escritos, os escritores cristãos exploram o que a psicanálise tem a oferecer e dialogam sobre a estrutura de seu assunto. O que é corroborado por White:

Os sentimentos de uma mãe moldam o comportamento de seu filho antes mesmo de ele nascer. Os pensamentos e sentimentos de uma mãe influenciam muito o legado que ela passa para seus filhos. Se ela permite que os próprios pensamentos se demorem em seus sentimentos, se condescende com o egoísmo, se é irritadiça e exigente, a disposição de seu filho testemunhará desse fato... (WHITE, 2014, p. 171).

Segundo Winnicott (1958), autor que estudou sua constituição, o ser humano tem uma tendência natural de se desenvolver e se integrar. Essa tendência será atualizada no recurso Processo de Maturação. No nível mental, a expressão "processo de maturação" é utilizada para a formação e evolução do ego, id e superego, bem como a criação de mecanismos de defesa de responsabilidade do indivíduo como um todo (NASIO, 1995, p.183).

A saúde mental depende, portanto, desse processo de amadurecimento independente. No entanto, o ambiente inicialmente representado pela mãe ou por um de seus filhos permite ou dificulta que esse processo se desenvolva de forma independente.

Portanto, Giovaccini (1995, p. 34) sugere que o conceito de espiritualidade de Winnicott tem algum significado. Por causa de sua educação conformista, ele manteve a capacidade de surpreender e diferenciar-se de muitos autores psicanalíticos. White reafirma o pensamento de Winnicott ao alertar sobre a importância dos três primeiros anos de vida

Mães, disciplinem seus filhos adequadamente até os três anos de idade. [...] as mães devem pensar nos filhos. Os primeiros três anos são a época de dobrar pequenas mudas. As mães precisam entender a importância desse período. É no que é posto o fundamento (WHITE, 2014, p. 194).

Sobre o desenrolar do processo de maturação, White (2014, p. 371) acredita que os progenitores são a base da educação dos filhos e da formação comportamental deles. “Qualquer pai deve ter muitos filhos. A condição física, o temperamento e os gostos, as inclinações morais e espirituais dos pais repetem-se até certo ponto nos filhos”.

A ponte entre o mundo dos adultos e das crianças, fazendo uma leitura dos seres humanos:

Qual é a coisa mais importante que a psicanálise diz sobre uma pessoa? Ele fala sobre a vida profunda e oculta de cada pessoa, a vida do inconsciente, enraizada na realidade e na imaginação da infância. A princípio, realidade e imaginação são a mesma coisa. Isso porque a criança não compreende o mundo objetivamente e vive em um estado subjetivo de que é o criador de todas as coisas. Gradualmente, uma criança saudável pode ver o mundo fora de si. Para atingir esse estado, ele deve ser mantido satisfatoriamente em um estado de dependência absoluta (WINNICOTT, 1986, p. 11).

A construção mental é um processo pelo qual as crianças pequenas devem passar para se estabelecerem como sujeitos. Freud (1905) explica que, por causa da “dependência ao nascer, precisamos de outra pessoa para nos dar um lugar para existir, então precisamos da linguagem”.

Uma criança nasce com uma espécie de página em branco e, para escrever algo nela, outra igual da mesma espécie deve escrevê-la por meio de significantes. Esses significantes indica a origem. Ao retirar o seio, a mãe constitui a ausência de objeto. Portanto, a criança se sujeita porque experimenta a cruz do significante da mãe. Por ter um corpo biologicamente normal, ele ganha identidade através dos vestígios deixados pelo "outro". Essa falta formaliza sua origem através das marcas que a mãe inscreve em seu corpo. (RIZZUTO, 2001)

Percebe-se neste contexto que muitas formações acontecem no primeiro ano de vida de uma criança, onde o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio, já que num estudo da construção da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida e até mesmo do último estágio da vida pré-natal até a experiência do nascimento, sendo que cada momento pode ser significativo (COELHO, 2020, p. 13).

Segundo Freud, no complexo de Édipo é caracterizado por uma separação entre a criança e os pais. Para ele, quando uma criança nasce, ela realmente se conecta com seus pais para atender às suas necessidades básicas. Essa dependência dos pais cria um relacionamento fusional porque a criança não existe sozinha separada dos pais. Os pais garantem que suas necessidades serão atendidas e o ambiente totalmente protegido. Assim, a criança cresce num triângulo amoroso (filho, pai, mãe) e cresce com a ideia de que os pais fazem parte dela (devido à extrema dependência). Pense nisso como “seu” mecanismo para atender às suas necessidades. O complexo de Édipo então “enfurece” a criança, marcando a separação entre ela e o pai. Nesse momento, a criança começa a entender que não é o centro do mundo, que o amor não é para ela

e que seus pais não podem estar protegendo-o completamente do mundo. Para Freud, o primeiro amor de uma criança é a mãe, e depois o conflito.

A mãe que satisfaz sua fome dessa maneira torna-se o primeiro objeto de amor e certamente a primeira defesa contra todos os perigos incertos e ameaçadores do mundo exterior — contra o medo. Nesse papel, a mãe logo será substituída por um pai mais forte que o mantém durante toda a infância. A relação com o pai é influenciada por um estranho sentimento de ambivalência. Ele próprio é perigoso, provavelmente por causa de seu relacionamento com a mãe. (FREUD, 1976, p. 43).

Na determinação do amor parental, a criança reconhece o pai rival como um inimigo mais forte, experimenta a chamada ansiedade de castração, e então passa a expressar constante admiração pelo estágio anterior da criança, sendo o conteúdo desse processo inconsciente. Perceber que pai e mãe têm uma relação e não compartilham com você, pelo contrário, reduz seu amor e proteção diante da iniciação. A criança culpa internamente o pai do mesmo sexo pelo divórcio e busca amor e proteção total, assim como o pai do sexo oposto fez em primeiro lugar (COELHO, 2020, p. 15).

Assim, nesse estágio, a criança expressa hostilidade a qualquer coisa que distraia o amor e a atenção do genitor do mesmo sexo ou do genitor do sexo oposto. No entanto, como o menino consegue conquistar o amor da mãe enquanto é inimigo do pai ao roubar o amor da mãe, ele tenta se tornar como o pai identificando-se com o pai. Freud usou o termo complexo de Édipo para descrever problemas mentais, mas também tentou descrever problemas mentais. Essa teoria é a "estrutura básica universal" de Freud. Para ele, a espiritualidade pode ser compreendida como o desenlace edípiano em que o sofrimento passa a adquirir outra parte no pano de fundo cultural e a onipotência, o novo estilo paterno (DE ASSIS, 2015, p. 373).

Segundo Lacan (1964b, p. 207) “É no que seu desejo está para além ou para alguém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito”. Ou seja, no processo de identificação com o outro, no Estádio do Espelho, a criança se identifica também com a falta desse Outro, com seu desejo e se põem a ocupar esse lugar faltoso do Outro, ele se coloca como falo da mãe, objeto da falta. No entanto, na interação com esse Outro o bebê percebe que este Outro lhe falta, que a mãe não se dedica somente a ela, o bebê percebe que não é só com o ele que a mãe conversa e que em alguns momentos a mãe não está com ele, que não está com ele o tempo todo e nisso ele percebe que o Outro deseja fora dele, que é barrado e que ele não é capaz então de ocupar o lugar de falo da mãe.

Aceitar sua própria castração, isso faz com que a onipotência da mãe seja transferida para o pai que passa a ser quem possui o falo imaginário (o Dom). O filho tem de saber que ele

não é o objeto de desejo da mãe, que a mãe deseja o pai, e é a mãe quem deve demonstrar isso ao bebê, dizendo, mostrando, ou seja, por meio da linguagem. O pai assim reforça a frustração do primeiro tempo do Édipo (JORGE; FERREIRA, 2005). O objeto de gozo da criança é o Desejo da mãe, o que a lei faz é barrar o sujeito a esse gozo de ser o objeto da mãe, lugar de objeto de gozo do Outro. A castração é assim definida como um efeito da separação entre o bebê e a mãe (MELLO, 2007).

Ocorre então a passagem do sujeito faltante para o sujeito desejante. A criança sai da relação de objeto com a mãe e passa a uma relação de satisfazer o seu desejo e não o da mãe, percebe-se a si como um ser, passa a experienciar as coisas por si mesma. (GARCIA-ROZA, 2009; WISNIEWSKI, 1989b).

A internalização das figuras parentais significa a interiorização da Lei do Pai e o o recalque do desejo. É o recalque que então funda o inconsciente, funda o Outro, funda o sujeito. Se houve recalque é porque ocorreu a identificação simbólica no Édipo e os ditos dos pais foram introjetados dando origem ao Superego (QUINET, 2012).

É desse vazio que advém o desejo, o objeto a é assim objeto causa do desejo, e, causa o desejo devido sua característica de impossibilidade de recobrimento pelo significante, ou seja, não há objeto capaz de recobrir tal vazio. O desejo que advém do vazio coloca o aparelho psíquico em movimento, movimento rumo ao encontro de tal objeto que supostamente foi perdido, supostamente porque na verdade o sujeito nunca o teve, e que restituiria a satisfação completa (SIRELLI, 2010).

O Desejo é fundado pela falta, conforme Mello (2007, p. 125) é um “espaço vazio que se impõe, a partir do simbólico, entre um e o outro”. O Desejo é um vazio, o qual move o sujeito na busca de encontrar um objeto que o preencha, no entanto, o Desejo é um vazio que nunca se preenche por ser estrutural do ser humano. Isso nos remete ao que relatamos na introdução deste trabalho sobre a “Coisa” em Freud, a qual se passa a vida a procurar, mas que, no entanto, como diz Lacan, é algo que nunca se teve.

Nesse sentido, as pessoas devem desenvolver por meio das relações pessoais uma expressão do pensamento voltada para a formação psíquica em um nível de educação socialmente conectado com a espiritualidade e a psicanálise, onde todos os aspectos da pessoa humana possam ser desenvolvidos cognitivamente por meio do diálogo, por causa da estrutura do assunto. Assim, as pessoas devem desenvolver expressões de pensamento voltadas para a formação psíquica no nível da educação que se relacionem socialmente com a espiritualidade e

a psicanálise por meio das relações pessoais, composição do assunto (DE ANDRADE, 2014, p. 49).

Como reconhece Dupas (2007, p. 84), a essência da subjetividade humana é universal e singular, onde o sujeito deve ser definido como a pessoa em quem se baseiam seus pensamentos e ações:

Nascemos com um potencial natural e inato de desenvolvimento progressivo, conforme o ambiente seja favorável ou não. Uma pessoa é formada pelo encontro de mãe, pai e bebê. A mãe é a primeira intérprete do bebê. Ensina a diferença entre tempo e espaço e entre as realidades interior e exterior. Aos poucos ela aprende a diferenciar entre o seio fantasma e o seio externo, principalmente porque o seio fantasma não alimenta. Devido à dependência intrínseca, uma pessoa não pode sobreviver sem as funções de mãe e pai. [...] essas pessoas precisam da presença de outros seres para serem as mais organizadas e atenciosas possível porque seus pais vão moldar suas vidas espirituais (DUPAS, 2007, p. 84).

Analisando a espiritualidade em suas mais diversas formas, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomenal, segundo o conhecimento, a lei e a consciência sobre o assunto, Honberger (2003, p. 13) revela a relação entre espiritualidade e psicanálise. É explicado da seguinte forma. "Desde que fui formado no ventre de minha mãe, Deus, em sua infinita sabedoria, realizou um plano individual para despertar em meu coração o desejo e a necessidade de Deus."

E ainda acrescentou White (1897, p. 194). Ao pensar a capacidade da criança de aceitar e transformar o sofrimento, conforme proposto por Dupas, enfatizado por White, descrito por Nasio e perfeitamente teorizado por Klein e Winnicott, o diálogo entre psicanálise e espiritualidade abre as portas para um diálogo entre psicanálise e a espiritualidade, em que a criança, em sua relação com os pais, se vê como cultura, porque encontramos recursos que podemos humanizar adequadamente para incluir e tornar-se sujeito pela cultura.

A Organização Mundial de Saúde – OMS, compreende qualidade de vida enquanto fator subjetivo, interno, pois está diretamente ligado a percepção das condições físicas, emocional e social, tendo relação aos aspectos temporais, culturais e sociais (GONÇALVES & VILARTA, 2004).

Baseando-se nas principais teorias e no entendimento empírico, compreende-se a qualidade de vida como fator que favorece a felicidade, como algo que depende do plano de vida de cada indivíduo, que é expresso de maneira individual e muito subjetivo. Portanto, cabe compreender que a espiritualidade contribui de forma incisiva para a ideia de qualidade de vida (BRAMANTE, 2004).

A construção dessa qualidade é uma variável que resulta do desenvolvimento pessoal e coletivo, embora seja dependente de diversos fatores que irão determinar a capacidade de produzir a felicidade e uma vida saudável (BRAMANTE, 2004). Alguns fatores são indicados para uma vida satisfatória como: boa saúde, contatos sociais, rede de amigos, presença de pessoas que se tornam confidentes, renda satisfatória, educação, estado civil, atividade, religião, atitude positiva perante a velhice, lazer, boas relações com a família, participação voluntária em trabalhos na comunidade em que está inserida. Nesse sentido, a avaliação do bem-estar psicológico está intimamente associada à avaliação de solidão, que conseqüentemente pode ser influenciada por fatores como a história de vida, personalidade e valores pessoais (CAPITANINI & NERI, 2004).

Percebe-se, portanto, que a qualidade de vida está associada também ao significado transcendente que o sujeito atribui a sua existência a seus arranjos internos, subjetivos, psicológicos sobre afeto, cuidado, ou em sua ausência solidão e desamparo.

A importância de se trabalhar com a busca pelo sentido da vida, numa época em que o vazio existencial e a apatia estão tão presentes. Segundo o autor, a apatia pode ser uma forma de lidar com o temor, protegendo-se a alma, portanto, estimula-se a consciência do ser, da sua responsabilidade e da expressão do que é mais humano ser. Esta busca mais profunda pode estar ancorada na espiritualidade (FRANKL, 1973; KOVÁCS, 2007).

O ser humano está inserido na sua história e é responsável pelo seu destino. Responsabilidade é entendida como a possibilidade de responder, fazer escolhas, e, neste sentido, construir a sua existência.

Nesse sentido, o ser humano precisa através das relações pessoais, desenvolver a expressão dos pensamentos que visam à formação psíquica, no nível de instrução socialmente ligado à religiosidade e a psicanálise, onde cada aspecto do ser humano pode ser desenvolvido cognitivamente, estabelecendo um diálogo para a constituição do sujeito.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa realizada no planejamento de uma revisão narrativa de literatura científica. Nesse modelo metodológico, através das pesquisas já existentes, é possível analisar e reforçar alguns conceitos fundamentais para a compreensão da temática abordada:

Esta é uma maneira não sistematizada de olhar para a literatura. É importante buscar atualizações sobre determinado tema e fornece suporte teórico ao avaliador em um curto espaço de tempo. Também pode ser útil para descrever o estado da arte de um determinado assunto de uma perspectiva teórica ou contextual (CASARI, 2020, p. 1).

Para esta pesquisa, foi realizado um estudo bibliográfico sobre os seguintes temas: Espiritualidade; Cultura e Psicanálise. Os portais de pesquisa que subsidiaram as análises foram o SciELO (Scientific Electronic Library Internet) e o Google Acadêmico (Google Academic). A pesquisa é um processo formal com um método de pensamento reflexivo que leva ao processamento científico que abre caminho para conhecer a realidade e descobrir verdades parciais. Toda pesquisa deve ser baseada em uma teoria que ajude a analisar o problema como ponto de partida. Como um mecanismo científico, a teoria é usada para conceituar os tipos de dados que estão sendo analisados. (MARCONIS; LAKATOS, 1996).

Desta forma, pode-se considerar a metodologia como sendo uma forma de discurso em que o método escolhido funciona como lentes para encaminhamento da pesquisa. O primeiro passo é a escolha da narrativa teórica pois, existem diversas formas de entender a realidade assim como existem diferentes dinâmicas e posições metodológicas que explicitam a construção do objeto de estudo e dão visibilidade aos movimentos empreendidos pelo pesquisador nesta direção. (LIMA; MIOTO, 2007).

Considera-se o processo de pesquisa como constituição de uma atividade científica básica que, através da via do questionamento e (re) construção da realidade à atualiza e alimenta sua atividade de ensino. Assim como vincula pensamento e ação já que “nada pode ser

intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2007).

Este projeto está engajado em uma pesquisa que visa descrever e documentar qualitativamente. Esse tipo de pesquisa bibliográfica “pode ter vários níveis de aplicação, mas deve incluir pelo menos os estudos clássicos sobre o tema em questão e as pesquisas mais atuais sobre o tema” (MINAYO, 2008, p. 184). A pesquisa exploratória é altamente colaborativa porque oferece suporte a uma abordagem qualitativa para aprender sobre o fenômeno que está sendo estudado.

Segundo Minayo a pesquisa qualitativa se define em:

Na pesquisa qualitativa, a objetividade ou o processo de pesquisa, que reconhece a complexidade do propósito das ciências sociais, teoriza, avalia criticamente o conhecimento coletado, forma conceitos e categorias, usa técnicas apropriadas e faz análises ao mesmo tempo, específico e ao mesmo tempo contextual. (MINAYO, 2014, p. 62).

Além disso, a pesquisa visa determinar com precisão a frequência do fenômeno, a conexão com outros indivíduos, características comportamentais e individuais. (CERVO, 1996). Diante dessa dinâmica tão dependente, buscamos refletir sobre a reflexão de e Johnson (2007) sobre os aspectos do conhecimento e das organizações que devem nortear a pesquisa investigativa.

O principal objetivo da pesquisa qualitativa é encontrar métodos que surjam após cuidadosa documentação e análise do tópico de pesquisa. Que pode ser a descoberta fundamental da base filosófica da abordagem qualitativa. O delineamento qualitativo de acordo com algumas pesquisas visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade pois explica a razão, o “porquê” das coisas (GIL, 1991, p. 58).

Laplanche e Pontalis (1967/1970) entendem a psicanálise como um campo de tratamento, uma teoria psicológica e um método de investigação e pesquisa. Nogueira (2004) acrescenta que essa tríade está sempre conectada, percebendo que não é possível pensar a pesquisa psicanalítica sem considerar a conexão analítica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi criar uma compreensão acerca da espiritualidade e da psicanálise, enfatizando a perspectiva cristã, e entendendo que ela traz à tona aspectos fundamentais relacionados às primeiras concepções de infância, permitindo uma relação mais profunda com o processo de identificação do sujeito sugerido pela psicanálise.

O presente estudo empreendeu-se em uma viagem teórica através da revisão bibliográfica para entender o papel e a influência da espiritualidade na vida dos indivíduos, olhando especialmente pela lente da psicanálise. Nossa jornada foi tão rica e profunda quanto a própria complexidade da experiência humana, cruzando os territórios da psicanálise, da espiritualidade e da cultura.

De modo inicial, a exploração do estudo concentrou-se na espiritualidade por meio dos parâmetros da psicanálise. A psicanálise, desde seus primeiros dias com Freud, manteve uma postura realista em relação à espiritualidade. No entanto, conforme a psicanálise se expandiu e diversificou, também o fez a interpretação e a compreensão dos conceitos de espiritualidade. Um marco nesse desenvolvimento foi a abordagem de Jung, que propôs uma conexão intrínseca entre o psiquismo e a espiritualidade. Embora esta perspectiva tenha provocado rupturas, ela inaugurou uma nova maneira de entender a espiritualidade no contexto da psicanálise, ampliando seus limites para além do tangível.

Ao nascer o ser humano é um corpo biológico, ele não é um sujeito, pois o sujeito tem que ser constituído. Devido a condição de imaturidade tanto biológica quanto psíquica o bebê necessita de um outro semelhante que lhe garanta a satisfação de suas necessidades biológicas para garantir sua sobrevivência e é nessa relação com o outro que o sujeito irá advir. Juntamente com a satisfação das necessidades vai ocorrendo a erotização do corpo que propicia que a pulsão, apoiada no instinto, advenha. É nesse sentido que Freud diz que o Eu é a princípio um Eu corporal e que o sujeito é pulsional e não está presente desde o início.

É por meio da entrada de um significante que barre a plenitude do bebê na alienação, o significante Nome-do-Pai, que o sujeito advém. É esse significante que divide o sujeito e o

Eu, ou seja, os sistemas pré-consciente/consciente e inconsciente, possibilitando que uma falta se funde e pela qual o desejo advenha. A partir da separação ou castração, o sujeito passa a desejar por si mesmo e não mais pelo outro.

Apesar deste trabalho ter abordado a forma como se dá a constituição do sujeito, ele está longe de demonstrar tal constituição em sua profundidade. Cada processo aqui descrito tem por trás vários outros aspectos os quais não foram descritos devido a inviabilidade de tempo para tal, ficando em aberto o estudo mais aprofundado de cada um podendo-se concluir com isso que a constituição do sujeito para a psicanálise não é de forma alguma simplista. Por fim, outro aspecto que é de extrema relevância a ser esclarecido, e que explicita ainda mais a maneira não simplista que a psicanálise trata a constituição do sujeito, é a observação que os processos que envolvem tal constituição não ocorrem de maneira separada como se fossem etapas do desenvolvimento, mas sim, elas ocorrem ao mesmo tempo e por toda a vida do sujeito, se reeditando nas experiências do mesmo na relação com o Outro e os outros e com o mundo.

Essa pesquisa proporcionou uma visão mais clara da complexidade e da diversidade da espiritualidade na vida humana e na prática psicanalítica. No entanto, ainda há muito a ser explorado neste campo vasto e multifacetado. Nossa esperança é que este trabalho inspire outras pesquisas e conversas, contribuindo para um entendimento mais profundo e inclusivo de outras ferramentas de abordagem que somadas à psicanálise, forneçam condições favoráveis para que todos sejam assistidos da melhor maneira possível.

À medida que a psicanálise continua a se expandir e se diversificar, será essencial considerar e incorporar a espiritualidade e a cultura em nossas abordagens terapêuticas. Ao fazê-lo, poderemos atender melhor às necessidades e experiências de nossos pacientes, proporcionando cuidados holísticos e personalizados que levem em consideração todas as facetas de sua experiência humana. Afinal, a psicanálise não é uma ciência isolada, mas uma que está profundamente enraizada nas complexidades e sutilezas da vida humana.

A espiritualidade, por sua vez, continua sendo um componente essencial da experiência humana, oferecendo um sentido de propósito e conexão que pode ser uma fonte inestimável de resiliência e cura. Compreender sua importância e seu papel na vida dos indivíduos, e como ela é vista e interpretada dentro do contexto psicanalítico, é crucial para um cuidado eficaz e compassivo.

Vale ressaltar que essa interseção entre espiritualidade, cultura e psicanálise não é meramente teórica. Ao contrário, suas implicações são muito reais e tangíveis, moldando o modo como compreendemos e interagimos uns com os outros e com o mundo ao nosso redor. Elas nos desafiam a ver além das superfícies, a reconhecer a complexidade inerente à

experiência humana e a buscar um cuidado mais compassivo e inclusivo.

Em última análise, este trabalho serviu como um lembrete de que a psicanálise, como qualquer campo de estudo ou prática, não existe em um vácuo. Ela é influenciada e moldada pelo contexto cultural e espiritual no qual é praticada. Reconhecer isso e integrar essas considerações em nossas práticas é essencial para um cuidado verdadeiramente holístico e eficaz.

Este estudo, embora tenha se concentrado na relação entre psicanálise e espiritualidade, é apenas um ponto de partida. Há ainda muito a explorar, a questionar e a entender. Nossa esperança é que ele sirva como um convite para futuras explorações e pesquisas, e um passo em direção a uma compreensão mais profunda e inclusiva da complexidade e diversidade da experiência humana.

Enquanto a psicanálise continua a evoluir, assim também devem evoluir nossas compreensões de como a espiritualidade e a cultura influenciam as experiências e percepções dos indivíduos. Não há dúvida de que, na medida em que a espiritualidade continua sendo um componente integral da experiência humana, seu papel na psicanálise merece ser cada vez mais investigado e compreendido.

Ademais, esta pesquisa sublinha a necessidade de uma formação contínua para os profissionais da psicanálise. À medida que a compreensão da espiritualidade evolui, é crucial que os terapeutas estejam equipados com o conhecimento e as ferramentas necessárias para abordar de maneira eficaz essa dimensão da experiência humana em seu trabalho.

Para encerrar, este estudo demonstra a importância da psicanálise, espiritualidade e cultura. Ele busca demonstrar a aproximação que existe entre domínios, apresentando uma nova perspectiva sobre a maneira como eles dialogam. Ao fazê-lo, esta pesquisa não apenas aprofunda nosso entendimento dessas interações, mas também desafia as concepções convencionais e convida a futuras explorações neste campo fascinante.

Esta investigação não se pretende conclusiva, mas sim, um ponto de partida, um estímulo para mais questionamentos, mais pesquisas, mais reflexões. A esperança é que ela sirva como uma centelha, inspirando outras mentes curiosas a seguir nesta direção, a formular novas perguntas, a buscar novas respostas, a explorar novas maneiras de compreender a interação entre psicanálise, espiritualidade e cultura.

Por fim, que este estudo sirva como um lembrete da riqueza e profundidade da experiência humana. A complexidade das relações entre psicanálise, espiritualidade e cultura é apenas um reflexo da complexidade do ser humano. Cada indivíduo, cada cultura, cada crença e cada prática espiritual são peças que compõem o mosaico multifacetado que é a humanidade.

Ao explorar essas interações complexas, temos a oportunidade de apreciar a diversidade, a profundidade e a beleza dessa tapeçaria que é a experiência humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rafaella Nóbrega Esch de. **O conceito de representação em Freud entre 1891 e 1900 e a conceituação do aparelho psíquico.** 2022. 213 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ARAÚJO, Michell Ângelo Marques. **O cuidado espiritual: um modelo à luz da análise existencial e da relação de ajuda.** Tese (Doutorado em Enfermagem) – Fortaleza (CE): Universidade Federal do Ceara, Faculdade, 2011.

AZEVEDO, Cristiane. A procura do conceito de Religião: entre Religere e Religare. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. v. 8, n. 2. 90-96. Março 2010.

ASAD, Talal. **A Construção da Espiritualidade como uma categoria antropológica.** Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dullo. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/orientacoes/ASAD_Talel._2010.pdf. Acesso em 21 de maio de 2023.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Desenvolvimento Psicológico e desenvolvimento espiritual: Uma hipótese descritiva.** In: MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel (org.). Diante do mistério, psicologia. São Paulo: Loyola, 1999, p. 123 - 140.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Esboço de teoria do desenvolvimento Espiritual.** In: PAIVA, Geraldo José (Org) Entre necessidade e desejo. Diálogos da psicologia com a espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 25-51.

BERGER P. L. **Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

BEZERRA JR, Benilton Carlos; SAROLDI, Nina. **Freud e as neurociências: Projeto para uma psicologia científica.** Editora José Olympio, 2013.

BOAS, Alex Villas; ZEFERINO, Jefferson; SERRATO, Andreia Cristina. **Teopatodiceia: Espiritualidade, Cultura e Práxis. Teoliterária,** v. 11, n. 24, p. 214-241, 2021.

BOFF, L (2006). **Espiritualidade:** um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante.

BORINI, Paulo; OLIVEIRA, Cecília Maria de; MARTINS, Marcelo Giovanini; GUIMARÃES, Romeu Cardoso. **Padrão de uso de bebidas alcoólicas de estudantes de medicina. Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 43, p. 93-103, fev. 1994.

CAMBUY, Karine; AMATUZZI, Mauro Martins; ANTUNES, Thais de Assis. **Psicologia clínica e Experiência Religiosa**. Revista de Estudos da Religião, n. 3, p. 77-93. 2006.

CAPITANINI, M. E. S & NERI, A. L. **Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em mulheres idosas vivendo sozinhas**. In: Neri, A. L. & Yassuda, M. S. (Org.) Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos. Campinas, SP: Papirus, 2004

CASSIRER, E. [1944] **Ensaio sobre o Homem – Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CERVO, A. L.; BERVIAN, A.P. **Metodologia científica**. 4ª edição. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

COELHO, A. G., & Mahfoud, M. (2001). **As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl**. Psicologia USP, 12(2), 95 - 103. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642001000200006&lng=pt&nrm=iso

COSTA, Soraya Borges et al. **Eros e TÂNATOS. Na poética de Federico García Lorca e Cecília Meireles**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, literatura, 2015.

CUNHA, Gladson Pereira. **Qual é o futuro da ilusão? A religião no pensamento laciano e sua contribuição para a psicanálise com base na leitura de o triunfo da religião**. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/3774/3547>. Acesso em 27 de maio de 2023.

CHAUVET, L. M. **A liturgia no seu espaço simbólico**, in: Concilium, (259) 3: Petrópolis, Vozes, 1995.

DAL-FARRA, R. A.; GEREMIA, C. **Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas**. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 587-597, dez. 2010.

DALGALARRONDO, P. (2008). **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed.

DE CARVALHO GUIMARÃES, A. G. A religiosidade de moradores de rua da cidade de belo horizonte: uma via de subjetivação. **Dissertação** - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte-MG, 2010.

DE ASSIS, Cleber Lizardo. A Psicanálise como Espiritualidade Não-religiosa: uma aproximação. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 13, n. 2, p. 371-386, 2015.

DE ANDRADE, Ana Maria Mattos. O chamado de deus na perspectiva da religião cristã católica e da psicanálise freudiana. **Último Andar**, n. 23, p. 38-54, 2014.

DIAS, Paulo Henrique Curi; SAFRA, Gilberto. O lugar da mística na clínica psicanalítica. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 28, p. 171-183, 2015.

DUPAS, Margarida Azevedo. **Psicanálise e educação: construção do vínculo e desenvolvimento do pensar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante; 1973.

FERNANDES, Glauco Vieira. O sagrado coração enquanto símbolo tradicional. In: Tendências: caderno de ciências sociais. Crato: Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA), 2005.

FREUD, Sigmund. **A aquisição e o controle do fogo**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 26, 1976. Original publicado em 1932.p.7-9.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago. Edição eletrônica Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21, p. 1 – 31, 1976

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, 1930 [1929]**. In:**O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147.

FREUD, Sigmund.; PFISTER, Oskar. Cartas entre Freud e Pfister: **Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Editora: Ultimato, 2009.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos** (1927-31). in ESB, Obras Psicológicas Completas. Vol XXI, Rio de Janeiro – Imago, 1996.

FUCNER, Ismael. **A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a Modernidade e a Pós-Modernidade**. Revista Mosaico, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul. /dez. 2012. Disponível em seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/2501/1556. Acesso em 23 de ma 2023.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto—a fenomenologia de Husserl. **Ideação**, v. 5, p. 13-36, 2000.

GIDDENS, A. (2002). **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GEERTZ, Clifford. 1989a. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, p. 101-42.

GUIMARÃES, Aluizio Geraldo de Carvalho. **A espiritualidade de moradores de rua da cidade de Belo Horizonte: uma via de subjetivação**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 1-184, 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_GuimaraesAG_1.pdf. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

GONÇALVES, A. **Deslumbramento e preservação ante a sacralidade da vida: despertar para a religiosidade holística**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 32 p.122-135.

GIOVACCHINI, P.L. (org.). **Táticas e Técnicas Psicanalíticas** — D.W.Winnicott. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

HOHNBERGER, Jim. **Fuga para Deus: história de uma família em busca de uma genuína experiência espiritual**. Tradução de Delmar Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras. 2006.

LANCETTI, A., & AMARANTE, P. (2006). **Saúde mental e saúde coletiva**. In G. Campos et al. (Orgs), Tratado de saúde coletiva (pp. 615-634) São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Fiocruz.

LAPLANCHE, J., & Pontalis J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes, São Paulo: SP. 1991. Disponível para download em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Laplanche-e-Pontalis-Vocabulario-dePsicanalise.pdf>. Acesso em 25 abril. 2023.

LEITE, Renata Franco; MACEDO, Fernanda Nunes; ANDRADE, Sara Bezerra Costa. **Psicanálise: uma revisão didática sobre as principais contribuições de Freud**. *Estudos de Psicanálise*, n. 55, p. 255-259, 2021.

LEONEL, João. A leitura literária da Bíblia e sua construção para a espiritualidade cristã. **Teoliterária**, v. 10, n. 22, São Paulo, p. 11-30, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teolite-raria/article/view/46591>. Acesso em 12 jun. 2022

LOTUFO Neto, F., Lotufo Jr., Z., & Martins, J. C. (2009. P. 13). **Influências Espirituais sobre a saúde mental**. Santo André, SP: ESETEC.

MARQUES, L. F. (2010). **O conceito de espiritualidade e sua interface com a Psicologia Positiva**. *Psicodebate*, 10, 135-152.

MELO, J.R; ALMEIDA, Marcela Toledo França de. **O surgimento da psicanálise: uma escuta do sintoma e da histeria**. *Psicologia em Ênfase*, p. 96-106, 2020. Disponível em: <http://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/87/44>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

MINAYO, M. C. S., Hartz, Z. M. A., & Buss, P. M. (2000). **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1), 7-18. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232000000100002&lng=en&nrm=isso.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.184 p.

MINAYO, M.C.S. **Violência: um problema para a saúde dos brasileiros**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.10-33p.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold G.. **Religiosidade e saúde mental: uma revisão**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, ago. 2006.

MOURA Jr., J. F., XIMENES, V. M., & SARRIEIRA, J. C. **Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: Histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil.** *Revista de Psicologia*, 22(2), 18-28, 2013.

MOREIRA, A. (2007). **Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora.** *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), editoria.

NASIO, J. D. **Introdução às Obras de Freud**, Ferencsi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan, com contribuições de A. M. Arcangioli... [et al]; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. Rio de Janeiro – ZAHAR, 1995.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática—como elaborar TCC.** Brasília: Thesaurus, 2016.

OLIVEIRA, M, R; JUNGES, J, R. **Saúde mental e espiritualidade: a visão de psicólogos.** *Estudos de Psicologia*. Natal, 2012.

PANZINI, R. G.; ROCHA, N. S. D.; BANDEIRA, D. R.; FLECK, M. P. D. A Qualidade de vida e espiritualidade. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 34, p. 105-115, 2007.

PEREIRA, Helder Rodrigues. **A crise da identidade na cultura pós-moderna.** *Mental, Barbacena*, v. 2, n. 2, p. 89-100, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272004000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 nov. 2022.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.

RADDATZ, J. S., Motta, R. F., & Alminhana, L. O. (2019). **Espiritualidade na prática clínica: círculo vicioso entre demanda e ausência de treinamento.** *Psico-USF*, 24(4), 699-709.

RIZZUTO, A.M. **Por que Freud rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica.** São Paulo: Loyola, 2001.

SANTOS, E.A. **Psicologia da Religião – Direção espiritual e realização humana.** Goiânia: Scala editora, 2012.

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andrea Vieira. **Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 4, p. 662-679, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017>>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

SILVA, José Antonio Pereira; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; PONTES, Suely Aires. **A experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica: uma revisão de literatura, a experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica na UFBA**. p. 34, 2017.

SILVA, Jéssica Plácido. **Espiritualidade, e Psicologia: Uma Revisão Integrativa nas Revistas Brasileiras de Psicologia. Dissertação de mestrado, UFBA, Estudos Interdisciplinares**. Sobre a Universidade, 2017.

STEFFEN, Ronaldo. Cristianismo—História e Expansão¹². **Cultura Religiosa**, p. 133.
VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M.M. **População de Rua: quem é, como vive, como é vista**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

WHITE, Ellen G. **Orientação da Criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WINNICOTT, D. W. **O bebê e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, introdução (IX)

ZEFERINO, Jefferson; BOFF, Clodovis Maria. A Humanidade de Deus como fundamento para uma espiritualidade ética. **Estudos Teológicos**, v. 55, n. 1, p. 89-100, 2016.